

PRÁTICAS DE ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ENRIQUE, Eryka de Araujo¹; MARQUES, Maria Isabel Soares Lemos²; ENRIQUE, Elyda de Araújo³.

^{1,2} Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro,¹ e-mail: erykaestrela8@gmail.com;

² maribel_lemos@hotmail.com ; Unitese, e-mail: elyda.araujo@gmail.com

Linha de trabalho: Metodologias e Recursos Didático-Pedagógicos

Resumo

A preocupação dos pais em proporcionar aos seus filhos um futuro garantido e com menos necessidades é fato, tanto que este é um assunto muito debatido por pesquisadores, neurolinguistas e psicólogos. A grande questão é a interferência que possa existir no desenvolvimento cognitivo e na aprendizagem da criança. Apoiados nos pressupostos de Vygotsky e sob a perspectiva neuropsicológica, a criança já nasce predisposta a adquirir a segunda língua solidificando a mesma através da exposição à ela. O presente trabalho tem o objetivo de estabelecer uma relação clara entre o desenvolvimento cognitivo e a prática pedagógica no processo ensino-aprendizagem na Educação Infantil.

Palavras-chave: Método, Primeira infância, Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Segundo pesquisadores, a criança já nasce com uma disposição a adquirir a linguagem e torna-se capaz de solidificar a mesma através da exposição à fala e assim construir suas hipóteses sobre a língua a que está incluída. Portanto, a infância proporciona um período ótimo para estímulo e aprendizado de diversas habilidades, principalmente a linguagem.

Segundo Romero (2015), Vygotsky defende que o homem se desenvolve baseado no meio sociocultural em que vive e os estímulos que recebe, ela define isso como intercâmbio social e que relata que é mais perceptível em bebês, porém, a falta de conhecimento do bilinguismo infantil, ou seja, a aquisição de uma segunda língua ainda na infância é comum para pais e educadores, com isso apresentam muitas dúvidas a respeito desse assunto e também muita

preocupação, pois na maioria das vezes não se sabe se essa educação pode trazer consequências negativas para as crianças que aprendem duas línguas na infância.

Sendo assim, nota-se que muitos pesquisadores têm se empenhado no estudo sobre a aquisição bilíngue, avaliando os benefícios e a compreensão dos aspectos proporcionados por esse desenvolvimento.

Nos estudos de Bialystok (2011), ele apresenta o entrave de que o vocabulário do público em questão possa ficar limitado devido à introdução da segunda língua nesta fase, já Genesee (2004) afirma que a criança nesta fase estará apta a desenvolver o mesmo número de palavras que os monolíngues, apenas o domínio será nas duas línguas.

Diante da insegurança dos pais, muitas perguntas permeiam o universo pedagógico, entre elas, qual a repercussão no desenvolvimento da criança ao inserir o estudo da segunda língua nas fases iniciais do processo de ensino e aprendizagem?

Nessa perspectiva, o presente trabalho tem o objetivo de estabelecer uma relação clara entre o desenvolvimento cognitivo e a prática pedagógica no processo ensino-aprendizagem na Educação Infantil.

MATERIAIS E MÉTODOS

Ao que se refere ao método de abordagem, será utilizada a pesquisa bibliográfica, ela procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos.

Dentre os enfoques, será pesquisado a importância de aprender e aplicar uma Língua Estrangeira (LE), especificamente a Língua Inglesa, com foco nas crianças em idade pré-escolar, qual a visão para desenvolver a compreensão e habilidade de transmitir informações, também mostrar como se dá esse aprendizado por meio de métodos e quais os resultados no organismo.

Também será foco de pesquisa enfatizar o quanto a aquisição de uma segunda língua é importante e se faz mais satisfatória quando oferecida ainda na idade pré-escolar; expor a realidade de uma pessoa que se torna bilíngue no mundo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os vários questionamentos que permeiam a educação bilíngue na infância, alguns deles devem ser destacados.

Em relação ao desenvolvimento da linguagem, a dúvida frequente é se aprender duas línguas na infância pode resultar em atrasos. Genesee (2004) explica que se as crianças tiverem um contato regular e rico às duas línguas, elas apresentam os mesmos progressos aproximadamente nas mesmas idades que as crianças monolíngues. Segundo o autor, as diferenças individuais interferem na aquisição da linguagem, por isso retrocessos nem sempre representam um problema, na maioria dos casos significa que a criança demorou um pouco mais.

O autor ainda argumenta que o principal é que os pais, juntamente com a escola, ofereçam a todo o momento uma exposição sistematizada às duas línguas e evitem alterações no ambiente linguístico da criança, porque podem atrapalhar o desenvolvimento da linguagem. Se a criança for exposta a uma linguística regular a cada língua, elas adquirem a mesma proficiência nos aspectos fonológicos e gramaticais. Aprender uma segunda língua deve ser um processo natural, em que a criança desenvolve o vocabulário das duas línguas, adequado às situações de comunicação, reais e contextualizadas, a fim de que as crianças saibam usar as palavras adequadas ao contexto comunicativo de maneira acomodada.

Bialystok (2011) ressalta que com relação à habilidade geral em linguagem, crianças bilíngues frequentemente têm um vocabulário menor em cada um dos idiomas do que as monolíngues em seu próprio idioma. No entanto, Genesee (2004) afirma que se reunir o vocabulário que as crianças bilíngues dominam em ambas as línguas, elas geralmente conhecem o mesmo número de palavras que os monolíngues, sendo assim as crianças bilíngues apresentam vantagens significativas.

Conforme afirma Hakuta & Pease - Alvareres (1992, apud MARTINS, 2007), também ocorre um ganho econômico, cultural e social para as pessoas bilíngues.

Para Martins (2007), esse pode ser um dos motivos pelos quais os alunos bilíngues têm se destacado em testes de inteligência verbal, na formulação de conceitos, no pensamento global e na solução de problemas.

Martins (2007) afirma que a questão da idade é um fator que interfere no bilinguismo, nessa visão pode-se dizer que as crianças apresentam algumas vantagens em relação aos adultos.

Segundo Baker (1989, apud MARTINS, 2007) a aquisição de uma segunda língua passa por um processo que ocorre de forma mais eficaz quanto mais cedo a criança for inserida, uma vez que os menores possuem habilidades linguísticas mais generalizadas e os elementos fônicos da primeira língua ainda não estão totalmente firmados. Nesse âmbito, Martins (2007) destaca

que quando a criança aprende uma segunda língua na infância a pronúncia é mais próxima da nativa.

Mechelli (2004, apud MARTINS, 2007) coordenou um estudo recente no Instituto de Neurociências Cognitivas em Londres, realizado por meio de experimentações com a ressonância magnética funcional e obteve imagens detalhadas do cérebro. Nesse estudo, os pesquisadores compararam 3 grupos de pessoas: os monolíngues, os bilíngues que aprenderam um segundo idioma antes dos cinco anos e os que aprenderam uma segunda língua após os dez anos de idade.

Na pesquisa ficou provado que a densidade de neurônios na área parietal inferior do hemisfério esquerdo é maior nos indivíduos bilíngues do que nos monolíngues e ainda maior nos bilíngues que aprenderam uma segunda língua até os cinco anos de idade. Mechelli (2004, apud MARTINS, 2007) ressalta que essa área do cérebro é ativada na realização de tarefas relacionadas ao uso da linguagem, e como houve um aumento no volume da massa cinzenta, esse estudo confirma que a plasticidade cerebral, ou seja, a capacidade do cérebro de modificar em parte sua estrutura e as conexões entre neurônios é muito maior em crianças do que em adultos, o que significa que é muito melhor aprender uma segunda língua ainda na infância.

CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível pontuar como resultado deste trabalho que a aquisição de uma segunda-língua na infância é uma experiência significativa e satisfatória, que influencia de maneira positiva o desenvolvimento linguístico e cognitivo das crianças.

Também se pode constatar que as possíveis implicações são relativamente reduzidas e facilmente superadas considerando as pesquisas realizadas sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

BIALYSTOK, E. **Aquisição do segundo idioma e bilinguismo na primeira infância e seu impacto sobre o desenvolvimento cognitivo inicial.** In: Tremblay RE, Boivin M, Peters RDeV, eds. Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância [on-line]. Montreal, Quebec: Centre of Excellence for Early Childhood Development; 2011:1-5. Disponível em: <<http://www.encyclopediacrianca.com/documents/BialystokPRTxp1.pdf>>. Acesso em: 28 Set. 2016.

GENESE, F. **Aquisição bilíngue.** Trad. Wendel Dantas, 2004. Disponível em: <[HTTP://WWW.bilinguismo.org/](http://WWW.bilinguismo.org/)>. Acesso em: 28 set. 2016.

LAMPRECHT, Regina Ritter. Memórias do passado, repercussões no presente: **vinte anos de pesquisa em Aquisição da Linguagem** na PUCRS. **Letras de Hoje**. N. 132, v. 38, p.11-16, jun. 2003.

MARTINS, M. G. L. **Uma experiência de desenvolvimento de projetos didáticos na educação infantil bilíngue**. USP, Faculdade de Educação, Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2007.

PELLEGRINI, Denise. **Inglês passaporte para o mundo**. Nova Escola, São Paulo, n. 124, p.10-17, agosto 1999.

ROMERO, P. Breve estudo sobre Lev Vygotsky e o sociointeracionismo. In: Revista Educação Pública. Disponível em: <http://educacaopublica.cederj.edu.br/revista/artigos/breve-estudo-sobre-lev-vygotsky-e-o-sociointeracionismo>. Acesso em: 28 set. 2016.

